



VOLUME - V.3

NÚMERO - N.1

DEZ. - 2025

ISSN: 2966-1439

P.228-238

SENTIDO, DESLOCAMENTO E MATERIALIDADE: LEITURAS IMPLICADAS EM *O QUE É ANÁLISE DE DISCURSO?*

RESENHA

BARBOSA FILHO, FABIO RAMOS. **O Que é Análise de Discurso?** Prefácio de Lauro Baldini. 1. ed. Porto Alegre: CirKula, 2025. 288 p.

Graziela Dutra Kantorski¹
Lucas Nascimento²

Ler *O que é Análise de Discurso?*, de Fábio Ramos Barbosa Filho, implica inscrever-se em um gesto de escuta que opera na opacidade constitutiva da linguagem, cujo sentido se produz entre silêncios e efeitos. Publicada em 2025 pela Editora CirKula, a obra reúne textos atravessados por tensões políticas, teóricas e históricas, ao conformar uma paisagem discursiva em movimento. Esta resenha acompanha os deslocamentos conceituais que atravessam os seis capítulos, observando como o autor reinscreve a tradição materialista, especialmente nas elaborações de Pêcheux e Althusser, em articulação com a escuta atravessada pela Psicanálise. O gesto teórico que sustenta o livro convoca o leitor a posicionar-se nas brechas do discurso, ativando leituras implicadas nas condições históricas de produção. Assim, mais que responder à pergunta *o que é Análise*

¹ Doutoranda em Educação. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Revisora de materiais didáticos da SEAD – Universidade Federal da Bahia. E-mail: graziela.revisa@gmail.com

² Doutor em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pós-Doutor em Linguística. Museu Nacional (MN-UFRJ). Analista do discurso. Pesquisador. Professor universitário. Assessor. INEP – Ministério da Educação. E-mail: drlucasdonascimento@gmail.com

de Discurso?, o texto abre caminho para refletir sobre os modos pelos quais essa pergunta se formula, ressoa e desloca.

Desde o prefácio, assinado por Lauro Baldini, já se anuncia o horizonte que rege a coletânea. Em vez de esquemas prescritivos ou orientações técnicas, o leitor se vê diante de uma convocação à leitura crítica, em que teoria e política se entrelaçam. Esse modo de dizer articula uma postura radicalmente implicada com a tradição pêncheuxiana, em que a linguagem ganha estatuto de materialidade simbólica e histórica, sempre atravessada pela ideologia e pelo inconsciente.

A pergunta que funda, *o que é o sentido se a ideologia existe?*, reverbera como princípio norteador ao longo dos textos. Sem aderir à lógica dos manuais, Barbosa Filho investe em um discurso que confronta o intuicionismo, a tecnificação da análise e os apagamentos teóricos que tensionam o campo. O texto, nesse movimento, recusa o esvaziamento da Análise de Discurso (AD) em função de apropriações generalizantes ou ecléticas. Cada capítulo se sustenta em operações conceituais rigorosas, revelando a densidade da teoria quando posta em confronto com os efeitos de sentido produzidos nas materialidades discursivas.

A presença de Althusser se inscreve como base inegociável, sustentando o projeto como um campo que enfrenta o real dos conflitos ideológicos. A recusa do manualismo, a afirmação do rigor e a abertura ao inédito articulam-se na escrita como marcas de uma ética teórica e política. Ao invés de fixar a AD a um conjunto de procedimentos metodológicos replicáveis, o autor reposiciona o campo como espaço de enfrentamento e de formulação crítica. A análise ganha espessura ao ser tratada como intervenção, e o sentido, como efeito jamais encerrado.

A obra tensiona conceitos fundamentais do campo discursivo e os articula a temas contemporâneos como o racismo, a política, a violência e a memória, entre outros, compondo uma paisagem analítica que escapa à transparência e convoca o leitor a lidar com o não-sabido, com o deslocamento, com o equívoco.

Abrindo a obra, O capítulo 1, “Língua, Leitura, História”, estabelece um marco teórico fundamental ao reposicionar a leitura como prática atravessada por ideologia, história e teoria. Ao deslocar a concepção de língua como sistema fechado, característica da linguística saussuriana e do estruturalismo para um campo material permeado por formações discursivas, Barbosa Filho inscreve sua análise na esteira de um pensamento

que inclui Louis Althusser. Inspirado por esse filósofo, o autor entende a leitura como um gesto sempre comprometido com uma posição teórica. Ecoando Althusser, que via a leitura como prática marcada pela teoria, o capítulo indica que o sentido emerge da opacidade da linguagem e se produz no interior de uma formação discursiva. Ler, nesse contexto, constitui um gesto de intervenção. A história comparece como condição de produção do discurso, articulando materialidade e ideologia. O capítulo, assim, desloca as noções naturalizadas de língua e afirma a leitura como prática teórica e política, enraizada em disputas de saber.

No capítulo 2, Barbosa Filho percorre um território atravessado por tensões teóricas e políticas ao retomar o célebre “Anexo 3”, de Michel Pêcheux, com base na leitura compartilhada em seminário realizado na Unicamp, em 2016. O texto se destaca por deslocar tradições consolidadas na Análise de Discurso e por sua articulação com o pensamento de Louis Althusser. Organizado como uma cena de leitura em movimento, atravessada por aulas, debates e impasses, o capítulo 2 propõe uma escuta do gesto de autocrítica de Pêcheux, especialmente em torno da noção de desidentificação, que assume posição estratégica na interlocução com Suzy Lagazzi, cujos escritos e ensinamentos tensionam e expandem a elaboração proposta.

A discussão ancorada na tríade Marxismo, Psicanálise e Linguística permite conectar os desdobramentos teórico-políticos da França dos anos 1970 à produção contemporânea brasileira. Nesse cenário, emergem debates em torno das noções althusserianas de ideologia, interpelação e formação ideológica, estabelecendo pontos de contato e tensão com a retificação proposta por Pêcheux. O capítulo revisita, com fôlego crítico, a concepção de “forma-sujeito” elaborada por Althusser, mobilizando-a para compreender o modo como Pêcheux reinscreve essa tríade, descentrando o sujeito e abrindo espaço para rupturas, deslocamentos e efeitos de revolta no campo discursivo.

Nesse percurso, a teoria dos Aparelhos Ideológicos de Estado, formulada por Althusser, base das elaborações de Pêcheux na década de 1970, ganha centralidade. Trata-se de um duplo questionamento às categorias de sujeito e ideologia, deslocando-as do horizonte humanista e empirista. O sujeito é concebido como efeito estrutural, constituído nas e pelas determinações ideológicas das relações sociais de produção e reprodução, o que redefine o lugar da linguagem e do discurso na constituição dos sujeitos.

Ao mesmo tempo em que desdobra os conceitos althusserianos, recupera a potência crítica da retificação feita por Pêcheux. O texto configura-se, assim, como um gesto de filiação crítica, sustentado tanto pela divergência quanto pela aposta na instabilidade como força constitutiva do pensamento discursivo. Nesse processo, o autor produz um espaço de reflexão atravessado por tensões, alinhamentos e rupturas, que iluminam as resistências e os efeitos de revolta inscritos na relação entre sujeito, ideologia e discurso.

O capítulo 3 “Metáfora e Acaso” propõe um deslocamento teórico que reposiciona a causalidade como efeito discursivo, alicerçado no primado da materialidade e na opacidade constitutiva da linguagem. Fábio Ramos Barbosa Filho opera, nesse texto, um gesto de leitura que atravessa os campos da Filosofia, da Ciência e da Análise do Discurso, para expor como os sentidos se dão na fluidez dos encontros e não como derivação de essências ou princípios originários.

A partir do atravessamento entre os domínios da linguagem e da Filosofia, o autor mostra como a metáfora opera menos como figura retórica do que como operador material do discurso. Ela marca um ponto de inflexão, uma dobra onde o sentido vacila e se reconfigura. A metáfora, aqui, participa da constituição mesma do dizer, tornando visível o modo como o sujeito se inscreve nos efeitos da linguagem e da história, enquanto posição em relação a condições que jamais se oferecem como origem plena ou unívoca.

É nesse cenário que a noção de acaso se articula. O acaso não comparece como o oposto do necessário, mas como plano de flutuação de elementos que, ao se encontrarem, produzem resultado. O texto incorpora, com força, a proposição de Althusser de uma Filosofia do resultado: resultado pensado não como efeito linear de uma causa, mas como articulação material contingente de elementos que poderiam ter se combinado de outras formas. O encontro, e não o princípio, passa a ser o lugar de inteligibilidade.

Ao pensar com Maquiavel, Althusser destaca o resultado como factual, datado, mas jamais teleológico. Ele emerge do acaso do encontro e sua necessidade é sempre aleatória: não há origem garantida, mas há durações, restos, margens. É nesse gesto que se evidencia a crítica à noção de causa como fundamento, substituída por uma leitura da história como campo de recomposição permanente, onde o fato consumado é constantemente revogado por outros acontecimentos ainda por se realizarem.

O texto se ancora nessa Filosofia do encontro para propor que a metáfora, como gesto de linguagem, também instaura o sentido por deslocamento, condensação e

descontinuidade. O resultado discursivo, como o histórico, é sempre uma formação provisória, carregada de resíduos. É nesse ponto que a crítica à Teleologia se torna radical: a forma é produto da contingência, e sua estabilidade é apenas aparente.

Barbosa Filho explora, assim, os efeitos de sentido que emergem na fissura entre o vazio e o encontro. Com Althusser e Morfino, o vazio deixa de ser ausência e se torna condição de possibilidade da flutuação, espaço onde os elementos não formam totalidade, mas se tocam, pegam, se articulam precariamente. A metáfora, nesse quadro, é o gesto que reinscreve esse movimento na linguagem.

Assim, o autor sustenta que o sentido, assim como a história, é sempre resultado e jamais efeito de uma essência. Trata-se de pensar o acontecimento como emergência material de um processo em que a metáfora produz o desvio e o acaso institui a duração. O sujeito, aí, se configura como efeito dessa trama.

No capítulo 4, “Por uma História das Formas Discursivas da Discriminação”, o autor realiza uma análise que desloca o entendimento da discriminação para o campo das práticas discursivas e ideológicas, ao problematizar o olhar como uma construção social e histórica, e não uma simples percepção natural ou neutra do real. A noção de “ver” é desnaturalizada ao evidenciar que o visível é um efeito do funcionamento ideológico, que organiza sentidos e delimita o que pode ser reconhecido ou deixado ilegível.

A discriminação é apresentada como uma formação discursiva que se constitui pela saturação da diferença, por meio de práticas linguísticas, predicções e nominalizações, que fixam identidades monolíticas e excluem outras possibilidades de sentido. O discurso discriminatório, enquanto espaço fechado, impede que a alteridade se inscreva de forma diversa, construindo o outro como déficit, vazio de sentido e excluído do campo do legível.

A análise do relato de viagem do Conde de Suzannet funciona como um *corpus* para evidenciar essas regularidades discursivas. Nesse relato, o estrangeiro europeu reproduz um saber pré-formado sobre o Brasil, marcado por uma lógica colonial que categoriza o país como “selvagem”, “exótico” e “menos civilizado”. O texto discrimina em três eixos, ético, estético e étnico, para consolidar a alteridade como inferior e reforçar a política do sentido que legitima relações de poder.

Sustentado em autores como Althusser, Pêcheux, Courtine, Foucault e Eni Orlandi, articula conceitos de memória discursiva, formação ideológica e interdiscurso, reforçando que não existem palavras intrinsecamente discriminatórias, mas que as regularidades

discursivas produzem efeitos de sentido ao sustentarem formas históricas de exclusão e dominação. Dessa forma, o aporte metodológico reafirma a importância da análise de *corpus* para compreender os modos de produção do visível e do dizível, propondo uma abordagem crítica que ultrapassa leituras moralistas ou jurídicas da discriminação ao se voltar para o funcionamento ideológico das formações discursivas.

Assim, o capítulo problematiza a produção social da discriminação por colocar em evidência a historicidade do olhar e o papel das práticas discursivas na constituição do sujeito como visível ou ilegível. Disso, evidencia-se que o que se vê e o que se entende são efeitos das condições materiais e discursivas que atravessam a produção do sentido.

No capítulo 5 “*Sintaxe e Discurso*”, Fábio Ramos Barbosa Filho propõe uma reflexão precisa e necessária sobre o lugar da sintaxe na Análise do Discurso, resgatando a centralidade do aporte teórico de Michel Pêcheux para pensar as relações entre língua e discurso. O autor destaca que essa questão, embora ampla e multifacetada, exige recortes pontuais, sobretudo frente aos riscos de abordagens que tratam a língua de forma logicista ou sociologista, distanciando-se da materialidade e do funcionamento real dos processos discursivos.

O texto ressalta a especificidade da língua enquanto sistema sintático dotado de leis internas irreduzíveis, que não se confundem com o discurso, mas que são condição material necessária para que os processos discursivos se realizem. A língua é, portanto, o “lugar material” onde se produzem os efeitos de sentido, o que implica reconhecer o primado das relações sintagmáticas, o encadeamento e a organização dos significantes, na construção do sentido e na inscrição ideológica.

Ao destacar o “primado do significante sobre o signo e o sentido”, Barbosa Filho reafirma que a palavra não tem sentido fixo, mas apenas valor diferencial, que emerge a partir de sua articulação dentro de formações discursivas situadas historicamente. Esse deslocamento do sentido para a dinâmica interna da língua e do discurso é fundamental para evitar leituras hermenêuticas e pedagógicas que tendem a reproduzir o reconhecimento naturalizado dos sentidos.

Por fim, Barbosa Filho enfatiza a responsabilidade do analista de discurso em incorporar a sintaxe como dispositivo essencial para a apreensão dos efeitos ideológicos inscritos nos processos semânticos, rejeitando tanto o formalismo lógico quanto a redução sociológica, para sustentar uma análise de caráter materialista, política e crítica.

O livro encerra com o capítulo 6, “Sobre o Acontecimento”. Fábio Ramos Barbosa Filho desenvolve uma reflexão rigorosa sobre a natureza do acontecimento no campo da análise discursiva, propondo deslocar a historicidade tradicional para uma perspectiva que privilegia os efeitos e os resultados em detrimento das causas primeiras. Inspirando-se em Louis Althusser, o autor destaca que a Filosofia dos extremos converge para uma “filosofia do único resultado”, na qual o acontecimento é concebido como efeito não ontológico, fruto de encontros aleatórios entre virtú e fortuna.

Ao utilizar a emblemática cena do “Club Silencio” no filme *Mulholland Drive*, Barbosa Filho exemplifica como o efeito, a gravação, a reprodução, pode ganhar primazia sobre o fato empírico original, ilustrando a ideia de que o acontecimento se constitui em seus efeitos, quase desligado de uma causa ou origem primeira. Esta metáfora reforça a tensão entre fato e acontecimento, em que o segundo não se reduz a um registro histórico, mas é um efeito discursivo que adquire significado no campo dos sentidos e da luta simbólica.

O autor insere o conceito de acontecimento em um debate histórico que, inicialmente, privilegiava a narrativa dos grandes nomes e feitos, como a chegada de Pedro Álvares Cabral ou a Revolta dos Malês. No entanto, a crítica contemporânea, apoiada em pensadores como Jacques Rancière e Roland Barthes, desafia essa visão hegemônica, valorizando uma história das práticas cotidianas e das pequenas relações sociais. Barbosa Filho se posiciona na linha do chamado “renascimento do acontecimento” por atribuir importância à historicização do presente, do ínfimo e do banal, processos decisivamente influenciados pela imprensa e pela mídia de massa.

No plano da análise discursiva, o capítulo 6 dialoga com um projeto maior do autor, a genealogia da suspeição no Brasil, e seu desdobramento no estudo coletivo “Loucura, raça, criminalidade: o alienismo no Brasil”. A partir deste recorte, Barbosa Filho defende uma distinção fundamental entre acontecimento e fato, por considerar que o acontecimento é sempre irreduzível ao fato, pois só se realiza em seus efeitos, que disputam sentido no campo discursivo. Ele argumenta que o acontecimento prescinde de um faro histórico rígido e pode se manifestar em fenômenos como o rumor, emergente em condições específicas, mas não necessariamente atreladas a um fato real.

Esse movimento teórico também cumpre a tarefa de demarcar a Análise de Discurso em relação à Psicanálise, diferenciando a metodologia acadêmica da Análise de Discurso da prática clínica e hermenêutica psicanalítica. Barbosa Filho alerta para o “psicanalismo”,

termo que utiliza para criticar a instrumentalização eclética da Análise de Discurso em investigações psicanalíticas que acabam por diluir conceitos fundamentais da obra de Michel Pêcheux.

O autor ainda aborda um estudo histórico-discursivo sobre rumores de insurreições africanas no Brasil do século XIX, ao situá-los como dispositivos que estruturam relações de poder e suspeição racial. Com base em documentos como a Lei Provincial nº 9, de 13 de maio de 1835, que estabelecia medidas jurídicas discriminatórias contra africanos forros, Barbosa Filho evidencia como o rumor ultrapassa o domínio do fato para operar no espaço da memória e do formulável discursivo. O rumor, nessa perspectiva, regula relações sociais e configura uma materialidade própria, interligada à legislação antiafricana e às práticas policiais, aprofundando o racismo institucionalizado no Brasil oitocentista.

Assim, conclui que o acontecimento, longe de ser um simples registro de eventos históricos, é uma construção discursiva, materializada nos efeitos de sentido que disputa na arena social, histórica e política. Esta análise contribui para uma compreensão mais crítica da historicidade e da materialidade dos discursos, de modo a ampliar o campo da Análise de Discurso para além dos limites tradicionais da Historiografia e da Psicanálise.

Portanto, a obra se inscreve como cena discursiva atravessada por filiações críticas, deslocamentos e apostas teórico-políticas. Ao reinscrever o campo da Análise de Discurso como espaço de formulação tensionada por ideologia, história e linguagem, cada capítulo mobiliza conceitos e materialidades para sustentar análises operantes sobre o instável, o equívoco e o acontecimento.

Produzir esta resenha é também assumir um lugar situado de leitura, atravessado por efeitos de sentido e pelo desejo de teorizar com a linguagem. O texto acolhe a incompletude como força e aposta na continuidade do gesto discursivo. A leitura se desdobra como campo de produção, onde o sentido se articula a partir de restos, ressonâncias e retomadas. Outros leitores, em outros tempos e formações, reinscreverão outros efeitos, e neles, a obra seguirá produzindo rupturas, sentidos e inacabamentos.

REFERÊNCIAS:

ALTHUSSER, L. O objeto de O Capital. In: ALTHUSSER, L. *Ler O Capital*. [Volume 2]. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. pp. 7-152.

ALTHUSSER, L. Freud e Lacan. In: ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan, Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Graal, 1985a. pp. 47-74.

ALTHUSSER, L. Marx e Freud. In: ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan, Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Graal, 1985b. pp. 75-93.

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985c.

ALTHUSSER, L. *Por Marx*. [Tradução de Maria Leonor Loureiro]. Campinas: Editora da UNICAMP, 2015.

ALTHUSSER, L. A corrente subterrânea do materialismo aleatório. Tradução de Mónica Zoppi-Fontana. *Revista Crítica Marxista*, n. 20, pp. 9-48, 2005a.

ALTHUSSER, L. Du matérialisme aléatoire [1986]. *Multitudes*, n. 21, pp. 179-194, 2005b.

ALTHUSSER, L. *Filosofia y marxismo: entrevista a Fernanda Navarro*. Mexico: Siglo Veintiuno Editores, 1988.

ALTHUSSER, L. *For Marx*. Translated by Ben Brewster. London: Verso, 2005c.

ALTHUSSER, L. L'unique tradition matérialiste. *LIGNES*, n. 18, pp. 72-119, 1993.

ALTHUSSER, L. Sur la genèse [1966]. *Décalages*, v. 1, n. 2, n. p., 2012.

ALTHUSSER, L. *Sur la reproduction*. Paris: PUF, 1995.

BARBOSA FILHO, F. R. *O discurso antiafricano na Bahia do século XIX*. São Carlos: Pedro e João, 2018.

BARBOSA FILHO, F. R. Althusser, Pêcheux e as estruturas do desconhecimento. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. (Orgs.). *Análise do Discurso: dos fundamentos aos desdobramentos (30 anos de Michel Pêcheux)*. Campinas: Mercado de Letras, 2015. pp. 55-66.

COURTINE, J.-J. Définitions d'orientations théoriques et constructions de procédures en analyse du discours. *Philosophiques*, v. 9, n. 2, pp. 239-264, 1982.

COURTINE, J.-J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours: à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages*, v. 15, n. 62, pp. 9-128, 1981.

FOUCAULT, M. *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.

LAGAZZI, S. Delimitações, inversões, deslocamentos em torno do Anexo 3. In: LAGAZZI, S.; ROMUALDO, E. C.; TASSO, I. (Orgs.). *Estudos do texto e do discurso: o discurso em contrapontos: Foucault, Maingueneau, Pêcheux*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013. pp. 311-332.

MORFINO, V. O materialismo da chuva de Althusser: um léxico. *Cadernos CEMARX*, v. 2, n. 2, pp. 135-141, 2005a.

MORFINO, V. O primado do encontro sobre a forma. *Crítica marxista*, v. 13, n. 23, pp. 11-33, 2005b.

ORLANDI, E. *La construction du Brésil: à propos des discours français sur la Découverte*. Paris: Harmattan, 2011.

ORLANDI, E. *Terra à vista! Discurso do confronto: velho e novo mundo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. A Análise de Discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 42, pp. 21-40, 2002.

PÊCHEUX, M. Sobre a (des)construção das teorias linguísticas. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, n. 2, pp. 7-32, 1999.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. Leitura e memória: projeto de pesquisa. In: ORLANDI, E. (Org.). *Análise de discurso, Michel Pêcheux*. [Textos escolhidos por Eni Orlandi]. Campinas: Pontes, 2011. pp. 141-150.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

ROBIN, R. Langage et idéologies. In: GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D.; PROST, A.; ROBIN, R. *Langage et idéologies: le discours comme objet de l'Histoire*. Paris: Les Éditions Ouvrières, 1974. pp. 3-11.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SUZANNET, C. *Souvenirs de voyages: les provinces du Cau case, l'Empire du Brésil*. Paris: G. A. Dentu, 1846.